

**Hibridação linguístico-cultural e transmissão do legado familiar em
La dot de Sara, de Marie-Célie Agnant.**

**Linguistic-cultural hybridization and transfer of family legacy in La
dot de Sara, by Marie-Celie Agnant.**

Ana Maria Lisboa de Mello¹

Submetido em 9 e aprovado em 13 de dezembro de 2019

Le temps passe
Et fait tourner la roue de la vie
Comme l'eau des moulins...

Marcel Pagnol²

Resumo: Marie-Célie Agnant, escritora quebequense, nascida em Port-au-Prince, no Haiti, é autora de romances, contos, poesia e literatura destinada a infância e adolescência. O seu primeiro romance, *La dot de Sara* (1995), a autora inspira-se em relatos de avós haitianas no âmbito de uma pesquisa sociológica de que fez parte, mas ao mesmo tempo traz elementos autobiográficos. O romance revela o hibridismo linguístico e cultural nas Américas, decorrentes dos movimentos migratórios. A narradora Marianna deixa o Haiti para cuidar por uns meses da neta Sara, recém-nascida, a pedido de sua filha Giselle, mas acaba por ficar 20 anos. A narrativa expõe as dificuldades de inserção Marianna no país de acolhida, bem como a forma como vai transmitindo à neta Sara a herança familiar e a *lingua créole*, à medida que ela cresce: eis o dote da Avó. Trata-se, assim, de narrativa migrante e de filiação, que revela a herança cultural e familiar, transmitida de uma geração a outra, de uma língua a outra.

Palavras-chave: Migração. Narrativa de filiação. Memória. Hibridação linguística e cultural. Marie-Célie Agnant. Literatura do Quebec.

Abstract: Marie-Célie Agnant, Quebec writer born in Port-au-Prince, in Haiti, is the author of novels, short stories, poetry, children's and young adult literature. In her first novel, *La dot de Sara* (1995), the author is inspired by accounts of Haitian grandmothers from a sociological research she was part of, and at the same time she brings autobiographical elements to the text. The novel reveals the linguistic and cultural hybridity due to migratory movements in the Americas. Marianna, the narrator, leaves Haiti for a few months to care for her newborn granddaughter Sara, as her daughter Giselle asks, but ends up staying for 20 years. The novel exposes Marianna's difficulties in adjusting to the host country, as well as how she passes on her family inheritance and her native language to her granddaughter Sara as she grows up: here is the grandmother's dowry. It is, thus, a migrant narrative of affiliation that reveals the

cultural and family inheritance being transmitted from one generation to the next, from one language to the other.

Keywords: Migrant narrative of affiliation. Memory. Cultural and linguistic hybridity. Marie-Celie Agnant. Quebec literature.

Nascida em Porto Príncipe, Haiti, em 1953, Marie-Célie Agnant emigra para Québec desde 1970, ainda adolescente, quando o seu país estava sob o regime ditatorial de François Duvalier, o Papa Doc e seu filho Jean-Claude Duvalier, chamado Baby Doc, que se torna sucessor do pai quando este morre em 1971. A ditadura dos Duvalier inicia em 1957 e termina em 1986, quando Baby Doc foge para França. Esse regime provoca, do ponto de vista numérico, uma expressiva diáspora do povo haitiano para os Estados Unidos da América e para o Canadá.

Agnant domina quatro línguas: *créole*, francês, inglês e espanhol. Trabalhou como professora de francês, tradutora, intérprete junto à comunidade haitiana no Québec e hoje dedica-se à literatura. Seu primeiro livro foi *Balafres*, livro de poemas publicado pelo *Centre International de Documentation et d'information haïtienne, caribéenne et afro-canadienne* (CIDIHCA), em 1994. Somente em 2009, voltará a publicar mais um livro de poemas: *Et puis parfois quelques fois*. No ano seguinte, 1995, publica o romance *La dot de Sara*. Na sequência, lança os romances *Le livre d'Emma* (2001); *Un alligator nommé Rosa* (2007) e *Femmes au temps du carnassiers* (2015). Publicou também reunião de contos, *Le silence comme le sang* (1997), dos quais ressumbram memórias familiares da vida no Haiti, e narrativas para crianças e jovens e ensaios. As suas narrativas ficcionais podem ser consideradas de filiação, com elementos autobiográficos e memoriais que permitem restabelecer o continuum familiar.

De acordo com Dominique Viart, a partir de 1985, aproximadamente, multiplicam-se narrativas e romances de filiação, após a via aberta por *Fils* (1977), de Serge Doubrovsky, seguida por Nathalie Sarraute, com *Enfance* (1983), Marguerite Duras, com *L'Amant* (1984). O romance de Duras retrata a decadência de uma família na Indochina, e é a obra mais autobiográfica da escritora. Para Viart, essa inflexão da autobiografia para a narrativa de filiação, que desloca a investigação da interioridade para anterioridade, só será

compreendida mais tarde. (VIART, 2005, p. 76). Analisando *La Place*, de Annie Ernaux, no livro *La littérature française au présent*, Viart cita quatro aspectos característicos do romance de filiação, presentes na sua construção formal. Vejamos um excerto de Viart, apoiado na obra de Annie Ernaux:

1. A narrativa do outro – o pai, a mãe ou um antepassado – é o desvio necessário para chegar em si, para se compreender nessa herança; a narrativa de filiação é um substituto da autobiografia. [...]
2. O texto *se ajusta mal ao modelo romanesco* e procura encontrar uma forma que lhe seja própria, fora da tradicional orientação autobiográfica: ‘Depois, comecei um romance cujo personagem principal era ele [seu pai]. Sensação de incômodo no meio do relato. Faz pouco que sei que o romance é impossível. Para dar conta de uma vida submetida à necessidade, não tenho o direito de optar primeiramente pela arte, nem de querer fazer algo ‘apaixonante’, ou ‘emocionante’. Essa forma é justamente a do relato de filiação, que lida com o romance, pela ficção que às vezes é obrigado a construir, e com a autobiografia, por suas dimensões factual e íntima, mas sem nunca se confundir com eles.
3. A narrativa de filiação não se desdobra segundo uma linearidade cronológica. *Há inicialmente um repertório*: ‘Reunirei as palavras, os gestos, [...] os fatos marcantes de sua vida, todos os signos objetivos de uma existência da qual eu também partilhei’. [Ernaux] E, em seguida, pela força das coisas, uma *investigação*: nenhum narrador pode conhecer por si mesmo partes da vida das quais não foi testemunha. Tampouco conhece os cenários ou costumes quando estes não são mais os mesmos. E os pensamentos, os sonhos, as angústias ou os tormentos do outro continuam a ser amplamente estranhos para ele. À busca se somam pesquisas e hipótese.
4. Enfim este tipo de texto *coloca a questão da língua*, não somente por fidelidade ao universo familiar – escritura ‘plana’ –, mas também, para Ernaux, por preocupação de não fazer arte com aquilo que não é arte. [...] (VIART, 2005, p. 78, traduzimos)³

Essa “anterioridade” da narrativa de filiação, assinalada por Viart, é uma forma de busca de si mesmo, já que com a recuperação da herança familiar e dos acontecimentos bons ou ruins do passado, os protagonistas compreendem-se melhor, considerando que

são nos primeiros anos de vida que a personalidade se constitui ao contato com os adultos, pais e ascendentes. No excerto citado, o teórico sublinha também o fato de que a narrativa de filiação se acomoda mal ao formato do romance e constrói uma forma específica – o romance de filiação – narrativa que conjuga elementos do romance, pelo aspecto ficcional, e da autobiografia, em que a memória traz à tona aspectos íntimos e acontecimentos, sem essa forma seja absorvida ou pela forma romanesca ou a autobiográfica. Ainda que se entenda que a identidade não é fixa, pois se altera à medida que o ser humano vai alargando as suas experiências, o fundamento identitário assenta-se sobre esses laços afetivos iniciais na família e sobre determinados contextos sociais que interagem nessa construção de si: eis um dos fundamentos da narrativa de filiação.

Em artigo intitulado “Le roman français contemporain”, publicado na *Encyclopædia Universalis*, Viart considera que Annie Ernaux – citando *La Place* (1983) e *Une femme* (1988) – cria uma “narrativa etnográfica” de suas próprias origens,

colocando-se mais perto da realidade dos fatos, preocupada com nada trair daquilo que foi a existência de seus pais. Suas narrativas ulteriores retornam, sobre ela mesma nessa mescla de confissão pessoal e de pesquisa sociológica (ela fala de ‘autosociobiografia’), sem jamais renunciar àquilo que ela chama de ‘escritura plana’, nem se submeter à transposição literária [...], mesmo se em *Les Annés* (2008) e depois *Mémoire de fille* (2016) interroguem-se mais profundamente sobre a distância e a reformatação que a escritura impõe.”²⁴ (VIART, D. *Encyclopædia Universalis*, online, consultada em 26/11/2019).

A escritura plana é direta, desnuda as dores e as alegrias da existência, com frases sem metáforas, sem efeitos estilísticos, nem efusões emotivas. Os elementos citados por Viart, no capítulo “Récits de filiation”, encontram-se presentes, total ou parcialmente, nas narrativas de Marie-Célie Agnant que abordam temas relativos a migrações, exílio, preconceito, solidão, memórias familiares, bem como as formas de enfrentamento de tudo isso, sobretudo pelas mulheres que emigram do Haiti para ajudar os filhos, depois os netos, e encarregam-se de transmitir, aos descendentes, os ensinamentos dos antepassados, o contexto histórico haitiano, a língua *créole*, bem como as histórias orais de sua terra natal. Nos espaços do exílio, as personagens femininas podem-se fechar, algumas vezes, no silêncio, como forma de se proteger, já que inicialmente não dominam a cultura, os modos

de vida do país, e mesmo a língua francesa, e isso acontece com narradora-protagonista de *La dot de Sara*, antes de ela participar de encontros com outras avós haitianas no Quebec.

Segundo Colette Boucher, a narrativa de Agnant inspirou-se em relatos de avós de origem haitiana, emigradas para o Quebec. Esses relatos fizeram parte de uma investigação sociológica sobre pessoas idosas haitianas em Montréal, pesquisa da qual a escritora participou como assistente. (BOUCHER, 2013, p. 17) Portanto, trata-se de uma narrativa ficcional que surge no seio de uma pesquisa sociológica sobre relatos de avós de origem haitiana, razão pela qual revela a hibridação linguística e cultural nas literaturas das Américas, decorrente dos movimentos migratórios.

Nas últimas décadas, pesquisadores da área de Ciências Humanas vêm buscando termos que melhor caracterizem a americanidade e suas produções culturais, recorrendo a termos como “mestiçagem”, “sincretismo”, “crioulização”, “translinguismo”, “interculturalidade”, “literatura transnacional”, entre outros, para dar conta das mesclas linguísticas e culturais nas Américas. O termo “hibridação”, proveniente da biologia, parece ainda responder bem ao fenômeno dos cruzamentos linguísticos e culturais no continente americano, da mesma forma que, como assinala Néstor Canclini, Bourdieu se valeu de conceitos econômicos para referir-se a *capital cultural e mercados linguísticos*. (CANCLINI, 2006, p. XXI) A definição Canclini contempla as combinações, os entrecruzamentos: “*entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas*”. (CANCLINI, 2006, p. XIX)⁵

Na narrativa de filiação de Agnant, a personagem Marianna, narradora-protagonista, deixa o Haiti para dar apoio à filha Giselle que estava para ter um bebê em Montreal, onde vive como imigrante desde os dezessete anos. Marianna pretende lá ficar por uns quatro meses, mas as circunstâncias fazem com que assuma os cuidados da neta Sara por mais tempo, para que a filha possa trabalhar. O pai da criança é irresponsável e, depois de uma sequência de desentendimentos, Giselle termina o relacionamento. Assim, Marianna, que pensava em ficar por poucos meses em Montréal, permanecerá por ficar vinte anos e acompanhará toda a infância e adolescência da neta Sara.

No relato, Marianna expõe as dificuldades de inserção no país de acolhida, bem como revela a história dos antepassados no Haiti, os modos de vida e o papel das mulheres no seio familiar, como figuras agregadoras, trabalhadoras que garantiam o sustento familiar. Nessas memórias, ressalta a figura de Aïda, avó de Marianna, uma mulher forte, educadora, que lhe transmitiu valores inesquecíveis. Todas essas recordações têm por contexto um país (sob regime ditatorial) marcado pela miséria da população de origem africana, descendente de escravos, que sofreu violências nas sucessivas ditaduras. Marianna transmite à neta Sara, à medida que ela cresce, a história de seus antepassados no país caribenho, como a de Aïda, conta-lhe histórias que ouvira em criança no Haiti e ensina a menina a falar a língua *créole*, derivada sobretudo do francês, mas com vocábulos do espanhol, inglês e línguas africanas. Na narrativa de Agnant, surgem palavras, frases em *créole*, inclusive diálogos, o que assinala o translinguismo do romance. A língua e a cultura do Haiti é o dote de Marianna à Sara. De acordo com Colette Boucher,

A linguagem da infância é sempre importante nos romances de Marie-Célie Agnant. É a linguagem da transmissão e a linguagem transmitida. Uma linguagem de emoção, muitas vezes ela se opõe à língua oficial ou à do invasor.

Por exemplo, Marianna tenta transmitir à neta Sara a sua língua original, o crioulo. Ensina-lhe rimas haitianas.⁶ (BOUCHER, 2013, p. 23)

Ao assumir os cuidados de Sara, missão que se vê comprometida a cumprir e cumpre com muito amor pela menina, Marianna encontra um sentido para a sua vida. A protagonista tem conflitos com a filha Giselle, que cedo emigrou para o Canadá, aos 17 anos, tal como a escritora⁷, e recusa-se a olhar para o passado, inclusive, irrita-se ao saber que Marianna ensina o *créole* à neta, narra as histórias de seus antepassados e da política no Haiti e, ainda, por ela ver semelhanças entre Aïda e Sara. Para Marianna, a avó era uma mulher que transmitia saberes de antepassados, e ela enfatiza esse papel de Aïda. Tendo na memória a sabedoria da sua avó Aïda, Mariana contesta a atitude da filha em relação ao passado, comparando-o à lua: “Ela sabia bem o que estava fazendo, Aïda, essa mulher, e estava muito certa, pois nosso passado é como a Lua, não? Ele nos segue, tem os olhos grudados em nós. É muito difícil fugir do passado, Giselle. Não importa o que façamos, sempre fica um pouco

dele em nós⁸ (AGNANT, 2011, p. 18). Valorizando o passado, como o luar que pode ser contemplado em qualquer momento de nossa vida e em todos os lugares que percorremos, a narradora destaca a importância da memória familiar, que conjuga passado e presente, e mantém vivos as raízes e o fio que unem antepassados a gerações seguintes. Vejamos mais um excerto da fala de Marianna, dirigindo-se à filha Giselle:

Eu que conheci a avó Aïda, mil vezes mais do que aquela a quem devo a vida, sinto em Sara tanto e tanto de Aïda, um pouco como um espelho no qual eu a revejo. Sara, Aïda, através de mim, através de ti, a mesma raiz, o mesmo fio, a mesma vida; nada se altera sob o céu, salvo as aparências. A vida, tu sabes, não é senão um longo fio que puxamos e que se vai e que retorna, sem cessar, sempre o mesmo fio.⁹ (AGNANT, 2001, p.20)

Annie Muxel, em *Individu et mémoire familiale*, analisa a importância da memória familiar para que um sujeito se aproprie do seu passado, depare-se consigo mesmo e o passado inscreva-se novamente no presente:

De fato, aquele que assume a memória da família supõe uma negociação misteriosa consigo mesmo para se reapossar dos fragmentos do passado e fazer com que esse se inscreva no presente e, mais adiante, no seu destino. São esses cruzamentos que formam o destino das lembranças e fixam sua marca.¹⁰ (MUXEL, 2007, p. 7)

Discorrendo sobre as funções da memória familiar, Muxel identifica três funções principais da memória familiar: de transmissão, que se inscreve na continuidade de uma história familiar e prolonga os seus particularismos; de revivescência, associada à experiência afetiva e ao vivido pessoalmente; de reflexividade, voltada para uma avaliação crítica do destino. (MUXEL, 2007, p. 13). Essas três funções estão presentes em *La dot de Sara*, porque a narradora as exerce a partir do momento em que se afasta da origem, transmite suas memórias à neta, lançando fios que vão conectar a menina às suas origens e dar continuidade à história familiar e, por fim, Marianna avalia melhor o passado a distância e reflete sobre ele criticamente.

No discurso de transmissão, que se constrói como uma muralha contra o esquecimento, esse, paradoxalmente, está presente e abre espaço para criação e inovação e, portanto, para mudanças sociais e de mentalidades. (MUXEL, 2007, p. 22) Muxel

relaciona a memória ao esquecimento no ato de transmissão: “Para transmitir, é preciso ser capaz tanto de se lembrar como de esquecer”. (p.23). Nesse sentido, o recalque de fatos dolorosos do passado, consciente ou inconscientemente, é um meio de autoproteção, que permite ao indivíduo decidir o que será memória e o que será descartado. O esquecimento, segundo Muxel, tem também a função de deixar um espaço livre, para introdução de novos valores. (p.14) Isso oferece uma oportunidade, no caso do imigrante, de assimilar novas visões do mundo e novos valores da sociedade em que ele se inseriu e, portanto, de se adaptar ao país de acolhida.

Marianna transmite à neta uma memória familiar e uma memória coletiva, de um mesmo grupo social, construída numa região do Haiti; essas memórias vão fazer parte da identidade de Sara, que não será constituída apenas de sua vida no Canadá, onde nasceu e viverá, mas ela se conectará também a esse fio que liga a sua vida à dos antepassados haitianos. Como sublinha Collette Boucher,

Na obra *La Dot de Sara*, Giselle, a mãe de Sara, tenta apagar os vestígios de sua infância no Haiti, recusando-se a falar do assunto com a filha, que já nasceu em Montreal. Sara é uma criança do Norte, integrada ao seu universo norte-americano. Porém, ignorando tudo do país de origem de sua mãe, como ela poderia constituir para si uma identidade completa? Ela corre o risco de ser como aqueles filhos de imigrantes que foram apartados de sua ascendência pelo silêncio de que fala Jacques Hassoun. Mas Marianna virá remediar o silêncio de Giselle. (BOUCHER, 2013, p. 18)¹¹

Com o passar do tempo, Marianna participa de encontros com outras avós do Haiti que estão no Québec pela mesma razão que ela. No clube da terceira idade cujos encontros acontecem aos sábados, ela vai ouvir outras vozes que narram suas peripécias, desde a partida do Haiti às dificuldades enfrentadas na adaptação ao país de acolhida, estabelecendo amizades e integrando-se melhor na sociedade quebequense.

Na narrativa, Marianna é estimulada pelas perguntas da neta a pensar em acontecimentos passados e histórias que fazem parte de sua bagagem cultural, da herança familiar, do papel que a sua avó Aïda exerceu em sua vida. A ligação afetiva com a neta Sara faz com que Marianna traga à memória a sua história familiar e, nesse processo, reconheça traços da herança familiar na personalidade de Sara.

Sara tem sobretudo, penso eu, o temperamento da avó Aïda. Aïda, que podia levar alguém à loucura de tanta adulação, enquanto segurava nas mãos uma palmatória. Nunca perder o controle da situação, este era sua divisa. Dona de si mesma, jamais levantava essa voz, que exalava de seu corpo como um filete de água que desliza da rocha. Ela sabia para onde ia, a avó Aïda, ela ia em frente, em um corpo a corpo extraordinário com a vida.¹² (p.17)

Ao transmitir a Sara a herança familiar, a língua falada no Haiti, recordando acontecimentos do passado, ou seja, toda essa “anterioridade”, Marianna se transforma e dá novos significados a sua própria vida. O afastamento da origem e as reflexões desencadeadas a partir do diálogo com a neta Sara é que abrem uma nova compreensão do passado, sobretudo, a respeito das mulheres de sua vida, no contexto ditatorial em que viviam. No Haiti, a sua avó foi uma mulher respeitada por todos da comunidade em que viviam, em Anse-aux-Mombins, ao sul do Haiti, em um local que contava antigamente com umas dozes famílias. Para a narradora, a avó foi uma guerreira, que fazia milagres para manter a vida dos dez filhos, costurando dia e noite em uma precária máquina sem pedais, que se movia com o braço como um moinho. Todas essas histórias familiares são relatadas à menina Sara, histórias que nunca conheceria se Marianna não estabelecesse esses elos familiares.

O retorno ao passado, pela memória, e os acontecimentos privilegiados pelo relato vinculam-se aos laços afetivos que a narradora manteve com os objetos, os seres, a vida e com ela mesmo. Marianna rememora o seu passado, a persistência de sua avó Aïda para dar um futuro aos filhos e netos no contexto precário da vida no Haiti, e suas lembranças são carregadas de afetividade, de sabedoria e de valores éticos.

Processos de emigração, motivados por diferentes razões no século XX (fuga da violência, exílios forçados ou em busca de melhores condições de vida, de emprego) deram lugar a uma escritura literária¹³ de caráter transnacional ou, como sugere Zilá Bernd, deram origem a “*estéticas transculturais americanas* que emergem do entrecruzamento de diferentes culturas e da utilização criativa dos vestígios imemoriais que são colmatados pela força da imaginação criadora dos escritores e poetas das Américas”. (BERND, 2013, p. 157). Segundo Bernd, esses autores, entre os quais cita Marie-Célie Agnant, Dany

Laferrière, Stanley Pean, “dão origem a uma nova cartografia literária das Américas”. (id., p. 157). Nesses escritores, as novas experiências culturais vividas no *locus* de acolhida incorporam-se à herança familiar. A identidade desses escritores é compósita, em movimento, carregada da herança dos antepassados e mesclada à cultura do país de destino, como é o caso de Marie-Célie Agnant. Nessa produção literária, a escritura revela um processo narrativo em que o narrador busca unir o presente e próprio passado às memórias e aos legados de seus antepassados, retrabalhando o que foi recalcado – por vezes experiências traumáticas da família, no país origem–, mas também preservando hábitos, língua materna, valores, etc. A bagagem herdada se articula e convive com a cultura do país de chegada e com os novos conhecimentos e desafios, incorporados à identidade, como uma forma de abertura ao *Outro* no país de acolhida.

Conforme Pierre Ouellet, a abertura ao Outro favorece o desenvolvimento de uma “estesia migrante” ou “sensibilidade migratória”, que se revela nas “formas de percepção do outro e de apreensão da própria alteridade”. Segundo Ouellet, pelo movimento migratório, o sujeito deslocado emancipa-se de sua origem e identidade primeira:

em uma espécie de *tradução* ou de *translação* de si em outro, para se dar um história, um destino ou um devir que não se inscrevem mais na bela continuidade causal de uma memória única e homogênea – pela qual se é ligado a uma só fonte, a uma só origem –, mas que reescrevem sua própria constituição como sujeito a partir de suas diferentes confrontações com a alteridade, em uma gênese ou percurso definido como uma contínua migração em lugar de um simples retorno a si.¹⁴ (OUELLET, 2005, p. 19)

A escritura afigura-se como o lugar de fixação dessa “estesia migrante”, caracterizada pela percepção da alteridade e, conforme Ouellet, pelas novas formas de experiências de intersubjetividade ou de relações entre o *si* e o *outro* que existe em si mesmo. Na obra literária, há o imbricamento de culturas em um determinado espaço-temporal, abrangido pelo texto ficcional, sendo marcante a função da memória no relato, porque ela desencadeia um contínuo exercício de alteração de si mesmo, que exige um refazer-se a cada instante.

Verena Haldemann, socióloga e coordenadora da pesquisa da que Marie-Célie Agnant participou, sobre haitianas idosas, afirma, no Posfácio da narrativa de Marie-

Célie Agnant, em sua 2ª edição, que se pode ler de diferentes modos o romance *La dot de Sara*:

Pode-se ler este romance de diferentes maneiras. [...]. Uma primeira leitura pode se concentrar no envelhecimento e na velhice. [...] Uma outra leitura colocaria a atenção sobre as relações mãe-filha. [...] Essa narrativa é também a das relações entre gerações; a migração das mulheres e seus filhos é feita de rupturas e de reorganizações que põem a dura prova o laço intergeracional. Ela se inscreve ainda em uma conjuntura de muita tensão econômica e sociopolítica no Haiti. Enfim, pode-se ler essa narrativa sob o ângulo da cultura haitiana e do choque que ela sofre no curso do processo migratório. Os modos de fazer e as maneiras de pensar mudam, que é preciso guardar, que é preciso modificar? (HALDEMANN, 2011, p.178-179)¹⁵.

Pensar sobre a literatura contemporânea nas Américas implica refletir sobre a emergência de temas e procedimentos narrativos e poéticos dos escritores, que buscam expressar a inquietação e a percepção do presente – incluindo rupturas, deslocamentos, negociações identitárias, emergência de problemas relativos à situação das mulheres, distribuição de renda, etc. –, e encontrar soluções estéticas que lhes permitam interrogar o real e sintonizar com as questões fulcrais da existência. Na narrativa *La dot de Sara*, por exemplo, há várias questões existenciais próprias dos deslocamentos e integração das mulheres haitianas no Quebec, conflitos geracionais e de adaptação no país de acolhida. É, acima de tudo, uma narrativa que flui e, na sua atmosfera envolvente, captura o leitor e lhe permite compreender melhor questões de imigração, a situação dos haitianos emigrados e parte de sua história político-social, que é também comum a outros países das Américas.

Referências

- AGNANT, Marie-Célie. *La dot de Sara*. Montreal: Remue-Ménage, 2011. (Mémoire d'Encrier).
- BERND, Zilá. *Por uma estética de vestígios memoriais*. Releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- BOUCHER, Colette. 'L'effet parole chez Maria-Célie Agnant. In: BOUCHER, Colette & SPEAR, Thomas C. *Paroles et silences chez Marie-Célie Agnant*. Paris: Karthala, 2013.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2006. (Ensaio Latino-americanos, 1).

HALDEMANN, Verena. Postface. In : AGNANT, Marie-Célie. *La dot de Sara*. Les Éditions Remue-Ménage, 2002.

MUXEL, Anne. *Individu et mémoire familiale*. Paris : Hachette, 2007 (Pluriel).

OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur*. Essai sur le non-sens commun. Montréal (Canada): VLB Éditeur, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIART, Dominique. Récits de filiation. In: VIART, D. & VÉRCIER, B. *La littérature française au présent*. Paris : Bordas, 2005.

VIART, D. “Le roman français contemporain”. In: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/roman-le-roman-francais-contemporain>, consultada em 28/11/2019.

Notes

- 1 Professora no Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ana.lisboa11@gmail.com
- 2 Esta epígrafe está no romance *La dot de Sara*, de Marie-Célie Agnant. Reproduzo por entender que essa escolha da escritora foi muito feliz por sintetizar o espírito que perpassa pela narrativa.
- 3 No original : “1. Le récit de l’autre - le père, la mère ou tel aïeul - *c’est le détour nécessaire pour parvenir à soi*, pour se comprendre dans cet héritage: le récit de filiation est un substitut de l’autobiographie. 2. Le texte *s’accommode mal du modèle romanesque*, et cherche de trouver une forme qui lui soit propre, hors du traditionnel cheminement autobiographique : ‘Par la suite j’ai commencé un roman dont il [son père] était le personnage principal. Sensation de dégoût au milieu du récit. Depuis peu je sais que le roman est impossible. Pour rendre compte d’une vie soumise à la nécessité, je n’ai pas le droit de prendre d’abord le parti de l’art, ni de chercher à faire quelque chose de ‘passionnant’, ou d’ ‘émouvant’.” Cette forme sera justement celle du récit de filiation qui traite avec le roman par la fiction que parfois il est obligé de construire et avec l’autobiographie par les dimensions factuelle et intime que sont les siennes, sans jamais s’y absorber pour autant. 3. Le récit de filiation ne se déploie pas selon une linéarité chronologique restituée. *Il est d’abord recueil*: ‘Je rassemblerai les paroles, les gestes, les goûts de mon père, les faits marquants de sa vie, tous les signes objectifs d’une existence que j’ai aussi partagée”. Il est ensuite, par force de chose, une enquête : nul narrateur ne peut connaître de lui-même des pans de vie dont il ne fut pas le témoin. Il n’en connaît pas non plus des décors ni les mœurs, lorsque ceux-ci ont changé. Et les pensées, les rêves, les angoisses ou les tourments de l’autre lui demeurent largement étrangers. Au recueil, s’ajoutent ainsi recherches et hypothèses. 4. Enfin ce type de texte *pose la question de la langue*, non seulement par fidélité à l’univers familial - l’écriture ‘plate’-, mais aussi, pour Ernaux, par souci de ne pas faire de l’art avec ce qui n’en est pas: ‘Naturellement aucun bonheur d’écrire, dans cette entreprise où je me tiens au plus près des mots des phrases entendues’. (Viart, D.)
- 4 No original : “Annie Ernaux produit dans *La Place* (1983) puis dans *Une femme* (1988) le récit quasi ethnographique de ses propres origines, en se tenant au plus près de la réalité des faits, soucieuse de ne rien trahir de ce que fut l’existence de ses parents. Ses récits ultérieurs retournent sur elle-même ce mélange de confession personnelle et d’enquête sociologique (elle parle d’« autosociobiographie ») sans jamais renoncer à ce qu’elle appelle l’« écriture plate », ni sacrifier à la transposition littéraire [...], même si *Les Années* (2008) puis *Mémoire de fille* (2016) s’interrogent plus profondément sur la distance et le remodelage qu’impose l’écriture.”
- 5 Em itálico no original.
- 6 No original : “La langue de l’enfance est toujours importante dans les romans de Marie-Célie Agnant. Elle est langue de transmission et langue transmise. Langue d’émotion, elle s’oppose souvent à la langue officielle ou à celle de l’envahisseur. Par exemple, Marianna essaie de transmettre à sa petite fille Sara sa langue d’origine, le créole. Elle lui apprend comptines haïtiennes”

- ⁷ Marie-Célie Agnant, nascida em 1953 Port-au-Prince (Haïti), também emigrou para o Canadá em 1970.
- ⁸ No original: “Elle savait bien ce qu’elle faisait, la femme Aïda, et elle avait bien raison car notre passé c’est comme la lune, n’est-ce pas ? Il nous suit, il a les yeux fixés sur nous. Il est très difficile de fuir son passée, Giselle. Quoiqu’on fasse, il nous en restera toujours un peu.” In: AGNANT, Marie-Célie. *La dot de Sara*. 2ème édition. Montréal: Remue-Ménage, 2011, p.17
Obs: A partir desta nota, passaremos a indicar somente as páginas do romance.
- ⁹ No original: “Moi qui ai connu grand-mère Aïda mille fois mieux que celle à qui je dois la vie, je sens en Sara tant et tant d’Aïda, un peu comme un miroir dans lequel já la revois. Sara, Aïda, à travers moi, à travers toi, la même racine, le même fil, la même vie ; rien ne change sous le ciel, sauf les apparences. La vie, tu sais, n’est rien qu’un long fil que l’on tire et qui s’en va et qui revient, sans cesse, toujours le même fil.”
- ¹⁰ No original: “Car ce qui fait la mémoire familiale suppose une négociation mystérieuse avec soi-même pour se réapproprier les bribes du passé et faire en sorte que ce dernier vienne s’inscrire à nouveau dans le présent, et plus avant dans sa destinée. Ce sont ces chassés-croisés qui forment le destin des souvenirs et en fixent la trace.”
- ¹¹ No original: “Dans *La Dot de Sara*, Giselle, la mère de Sara, tente d’effacer les traces de son enfance en Haïti en refusant d’en parler à sa fille qui, elle, est née à Montréal. Sara est une enfant du Nord, intégrée à son univers nord-américain. Mais, en ignorant tout du pays d’origine de sa mère, comment peut-elle se constituer une identité entière ? Elle risqué de faire partie des enfants d’immigrants qu’on a coupés de leur ascendance par le silence, ceux dont parle Jacques Hassoun. C’est Marianna qui viendra pallier le silence de Giselle.”
- ¹² No original: “Sara a par-dessus tout, je crois, le caractère de grand-mère Aïda. Aïda, qui pouvait cajoler à vous faire perdre la tête, tout en tenant bien serrée une badine dans les mains. Ne jamais perdre le contrôle de la situation, telle était sa devise. Maîtresse d’elle-même, elle n’élevait jamais cette voix qui filtrait de son corps comme un filet d’eau qui glisse du rocher. Elle savait où elle allait, grand-mère Aïda, elle fonçait, en un corps à corps extraordinaire avec la vie”.
- ¹³ Adotamos aqui a tradução do termo “escritura”, adotada por Leyla Perrone-Moisés, no livro *Texto, crítica, escritura*, autora que, fundamentada em Roland Barthes, considera que na palavra “escritura” está implicada “a relação que o escritor mantém com a sociedade, de onde sua obra sai e para a qual ela se destina” e “depende do modo como o escritor vive essa história e a pratica a [sua] língua”. Cf. Perrone-Moisés, 2005, p. 30.
- ¹⁴ No original: “[...] dans une sorte de *traduction* ou de *translation* de soi en autre, pour se donner une histoire, un destin ou un devenir que ne s’inscrivent plus dans la belle continuité causale d’une mémoire unique et homogène – par quoi on est rattaché à une seule source, à une seule origine –, mais qui réécrit sa propre constitution comme sujet à partir de ses différentes confrontations avec l’altérité, dans une genèse ou un parcours défini comme une continuelle migration plutôt que comme un simple retour sur soi.”
- ¹⁵ No original: On peut lire ce roman de différentes façons. [...] Une première lecture peut se concentrer sur le vieillissement et la vieillesse. [...] Autre lecture porterait l’attention sur les relations mère-fille. [...] Ce récit est aussi celui des rapports entre générations ; la migration de ces femmes et de leurs enfants est faite de ruptures et de réorganisations qui mettent à dure épreuve le lien intergénérationnel. Elle s’inscrit de plus dans une conjoncture de très grande tension économique et sociologique en Haïti. Enfin, on peut lire ce récit sous l’angle de la culture haïtienne et du choc qu’elle subit au cours du processus migratoire. Les manières de faire et les manières de penser changent, que faut-il garder, que faut-il modifier?